

MILFORD HAVEN,

10 de Março de 1836

MEU QUERIDO D-,

Sendo que o tempo turbulento ameaça causar um pequeno atraso, não gostaria de sair da Inglaterra sem deixar umas poucas palavras em resposta às seus recados e uma pequena explicação de alguns outros pontos que me interessam. Eu sinto muitíssimo por ter tido tão poucas oportunidades de te ver e de conversar contigo desde a minha volta à Inglaterra, e assim ter explicado muitas coisas que nos permitiriam partir bem mais alegres do que agora, ainda assim, quero que se sinta seguro que nada afastou meu coração de ti, ou diminuiu minha confiança em que poderás ainda ser animado pelo mesmo amplo e generoso alvo que um dia de tal forma me ganhou e me atraiu; ainda que eu sinto que te afastastes daqueles princípios, os quais você um dia esperou ter atingido, e tens em princípio voltado à cidade de onde saístes, ainda assim minha alma descansa de tal forma no fato de o quanto teu coração é para com Deus que eu sinto que bastaria avançar não mais que um ou dois passos para ver como todo o mal dos sistemas dos quais dissestes estar separado, está crescendo entre vós mesmos. Você não irá encontrar tanto disso no fruto do seu próprio trabalho, quanto o irá no espírito daqueles que tem sido nutridos desde o começo, no sistema que eles foram ensinados a sentir como o único tolerável; os quais, não tendo sido levados, como você e alguns dos que primeiro estavam conectados a você, através de profundas experiências de sofrimento e lamento, eles tem pouco contato com a verdade real que pode existir no meio de trevas inconcebíveis: haverá pouca pena e pouca simpatia com os tais, e a vossa unidade se tornará dia após dia uma de doutrina e opinião mais do que de vida e amor, e vosso governo se tornará - mesmo que não visto talvez, ou ainda não manifesto - um em que se sentirá, mais do que tudo, a autoridade de *homens*; vocês serão conhecidos mais pelo que testemunham *contra* do que pelo que testemunham a favor e praticamente isso irá provar que vocês testemunham contra todos menos vocês mesmos, tão certamente como os *Walkerites*¹ ou *Glassites*²: seu Chibolete poderá ser diferente, mas ele será tão *real* quanto. Tem sido afirmado, como descobri de seu querido irmão W- e outros, que eu mudei meus princípios: tudo o que posso dizer é que, até aonde eu sei a respeito desses princípios, nos quais eu me glorio os ter descoberto primeiro na palavra de Deus, eu agora me glorio neles dez vezes mais do que quando eu experenciei sua aplicabilidade em todas as inúmeras e perplexas circunstâncias da condição presente da Igreja; permitindo-nos dar a cada indivíduo ou grupo de indivíduos, a posição que *Deus* deu a eles, sem contudo identificar-se com nenhum de seus erros. Eu sempre entendi que o princípio da nossa unidade fosse o fato de possuímos uma vida em comum ou o sangue comum à família de Deus (pois a vida está no sangue); esses eram nossos pensamentos no início e são os que mais amadureceram em mim. A transição que os seus pequenos corpos tem passado, de não mais se firmarem para testemunhar pela gloriosa e simples *verdade*, tanto quanto se firmarem testemunhando contra tudo o que julgam estar em erro, tem os levado a descer, em minha percepção, dos céus para a terra em sua posição de testemunhas. O que quero dizer é isso, que antes, todos os nossos pensamentos eram normalmente sobre como nós poderíamos *nós mesmos* mais efetivamente manifestar que a vida que recebemos de Jesus (sabendo que unicamente isso poderia ser como a voz do Pastor aos seus filhos), e onde poderíamos encontrar essa vida em outros; e quando nós estávamos persuadidos de tê-la encontrado, compungi-los, de sob o clamor Divino dessa vida em comum, (mesmo que seus pensamentos sobre outros assuntos fossem mais ou menos estreitos ou largos), a vir e compartilhar conosco, na comunhão do Espírito o qual compartilhamos, em adoração de nossa única cabeça; e como Cristo os recebeu assim iríamos nós para a glória de Deus o Pai; e além disso, que estávamos livres, dentro dos limites da verdade, de compartilhar com eles em *parte*, mesmo que não em *tudo*, seus serviços. De fato, mesmo recebendo-os pela

vida, não iríamos *rejeita-los* pelos seus sistemas, ou recusar a reconhecer qualquer *parte* de seus sistemas, pelo muito que desaprovava-mos. Credo, que se essa comunhão de interação pudesse ser estabelecida, para o fim que desejávamos, sendo confirmada por Deus no andar na luz, como o meio de testemunhar assim como Cristo contra qualquer trevas que pudesses haver neles, de acordo com o princípio do Senhor; João 3:19: "O Julgamento é esse: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" e "não se chegam à luz, a fim de não serem argüidas as suas obras." Um ministério muito mais difícil de testemunhar do que o de pregação de palavras, ou o de separação de pessoas, e ainda assim possuindo uma força *muito mais* poderosa sobre os corações de outros, e de muito mais influência em abençoar; no qual, querido irmão, eu não conheço nenhum outro coração mais pronto a reconhecer isso do que o teu próprio. No momento em que o testemunhar pela vida comum como nosso *elo* deu lugar ao testemunhar *contra* erros através de separação de pessoas e pregação (erros admitidamente compatíveis com a vida comum), cada indivíduo, ou sociedade de indivíduos, primeiro vem à mente como aqueles os quais precisamos testemunhar contra, e toda a sua conduta e princípios precisam primeiro ser examinados e aprovados antes que eles possam ser recebidos; e a posição que esse trono de julgamento vos colocará será essa: aquele de opinião mais estreita e obstinada dominará, pois sua consciência não pode e não irá ceder, e portanto, aquele de coração mais alargado terá que ceder. É nessa posição, querido D-, que eu sinto que alguns pequenos rebanhos estão tendendo mais e mais, se é que eles não já chegaram, fazendo *luz* e não *vida* a medida para comunhão. Mas me é dito pelos amados irmãos, C. e H., que se eu deixar essa posição de testemunhar *contra o que é mal* dessa MANEIRA PECULIAR DE SEPARAÇÃO dos sistemas nos quais qualquer *medida* que seja esteja misturada, eu faço com que nossa posição seja uma de simples shiismo imperdoável, pois poderemos estar entrando em algum dos muitos outros sistemas. Eu não posso possivelmente, é claro, conhecer plenamente a base de ação *deles*, mas eu pensei que conhecesse a *vossa*, pelo menos a *original*. O princípio que estabelecemos não foi o de separação de todos os corpos existentes de uma maneira exterior, mas sim: o fato de que nós nos sentíamos forçados a nos separar de indivíduos e sistemas, *desde que* eles requeressem de nós que fizéssemos coisas que as nossas consciências não nos permitiam, ou nos impediam de fazer o que nossa consciência requeria, e nada mais que isso? e não éramos nós tão livres para se ajuntar e participar com qualquer indivíduo ou corpo de indivíduos, assim como eles estavam livres para *não* requerer de nós que fizéssemos aquilo que nossa consciência *não* nos permitia, ou nos prevenir de fazer o que eles faziam? e nessa liberdade o que sentíamos não era que irmãos *não* deveriam forçar a liberdade naqueles que estavam presos, ou segurar a liberdade daqueles que estavam livres?

Não é o caso de estarmos nos sentindo constrangidos a seguir a regra apostólica de *não julgar a consciência dos outros*, como liberdade para nós mesmo; lembrando-nos do que está escrito, "Aquele que come, *não* despreze aquele que não come; e aquele que não come, não julgue aquele que come; vendo que Deus recebeu" ambos a um e ao outro? Sendo que uma dessas duas bases; o fato de me impedirem de algo ou de exigir algo de mim, além do que o Senhor exige, que me divide em certa *medida* de qualquer sistema; sendo isso *meu próprio* dever para com Deus, e não o meu testemunhar contra SEUS erros. Sendo que qualquer sistema é, naquilo que deles provém, mais estreito ou largo do que a verdade, eu iria ficar ou aquém ou além do que deles provém, mas eu MUITO MAIS PREFERIRIA SUPORTAR *todos os seus erros*, do que me SEPARAR do que NELES HÁ DE BOM. Esses eram *anteriormente* os princípios de nossa separação e interação ou comunhão; tínhamos decidido nunca tentar *fazer com que homens agissem* em UNIFORMIDADE *além do que* eles mesmo se SENTISSEM EM UNIFORMIDADE; nem mesmo se utilizar de expressões de desaprovação ou aceitação³; e isso por uma simples razão, pelo não termos visto nenhuma autoridade dada a nós por Deus para agir assim; nem nossa experiência nos levou a sentir que esse seria de alguma maneira o melhor meio de promover bênção sobre eles ou o nosso alvo de um ponto comum de julgamento de *uniformidade*

espiritual perfeita; sendo que isso mesmo traria a nós mesmos uma PORTA *imediate* às TENDÊNCIAS da CARNE, sob a aparência de autoridade espiritual e zelo pela verdade. Mas em tudo isso, nós queríamos que nosso caminho pudesse ser tão brilhante como a luz, e nossas palavras caíssem silenciosamente como o orvalho, e se, ao final, eles permanecessem "inclinados a outro caminho," nós buscaríamos a Deus para que Ele então pudesse revelar a eles esse caminho. Há algo no presente como que edificando o que você destruiu; como se quando fraco você pode ser liberal e amplo, mas quando ajudado por um pouco de força, o *verdadeiro* espírito de sectarismo começasse a brotar; e que ser "*um de nós*", se tornou um elo mais forte do que unidade pelo poder da vida de Deus na alma. Eu sei que foi dito (a querida Madame Powerscourt assim me disse), que desde que qualquer relações fossem mantidas com a Igreja da Inglaterra (Anglicana), por se misturar em *qualquer* nível com o que ali se ministrava, enquanto não houvesse nada que ofendesse a sua consciência, eles suportaram seu testemunho pacientemente, mas após rejeitá-los completamente, eles perseguiram a ti com um ressentimento incessante, e isso veio a provar que a posição antiga estava errada e a presente, correta. Mas tudo o que vejo nisso é que, enquanto você ocupou o lugar de somente testemunhar contra aquelas coisas que a vida divina dentro deles reconhecia como más, e se separar deles APENAS O QUANTO eles se separavam de Cristo, você os colocou como juízes deles mesmos, e por eles mesmo eles foram condenados; e ao mesmo tempo você conciliava as suas afeições celestiais, por permitir tudo o que realmente fosse do Senhor, e compartilhar disso, ainda que do próprio sistema no qual você encontrou esses grãos dourados, você não pudesse se livrar. Mas no momento em que sua posição e sua linguagem implicavam uma separação perfeita, tanto do mal quando do bem, e uma rejeição a eles, por causa de seu sistema, sem diferenciação, você não mais tinha a consciência deles com você, mas eles sentiram que ainda que fosses somente um irmão na casa do Pai, você exercia mais do que o poder do Pai, sem o coração misericordioso de um Pai, e eles, portanto, reclamaram de ti para a sua Cabeça comum, tanto para com eles mesmos quanto para os seus sistemas. Não há verdade mais estabelecida em minha própria mente do que essa: que ao ocupar a posição de poder máximo, e ao testemunhar à consciência de outros, você precisa estar firme diante do julgamento deles sem suspeita como se evidentemente *desejasse* permitir neles *mais*, ao invés de menos, do que nossa própria consciência permite, provando que teu coração de amor está mais atento para encontrar algo que possa cobrir as faltas, do que teu olho de águia de luz está para encontrá-las. Eu envio essa carta a ti pois fomos os primeiros a agir com base nesses princípios, ao invés de H- e C-, cuja fé e amor eu verdadeiramente desejo seguir. Eles me escreveram duas cartas bastante longas e gentis, as quais eu tenho a intenção de responder mais efetiva e plenamente por convergir as posições contidas nelas em um pequeno folheto que espero preparar na viagem, e ao final, publicar.

Eu particularmente me arrependo de não ter encontrado você em Bristol, pois tinha muito a te dizer com respeito a Rhenius, e outras coisas à respeito da Índia, pois meu coração naturalmente procuraria simpatia e comunhão contigo e com aqueles queridos irmãos os quais eu não tenho nenhum pensamento divisivo à respeito da grande importância da verdade ou pelas próprias verdades, nas quais repousa o poder e a paz do Evangelho, - nem mesmo discordo dos alvos ou princípios do ministério; - minha diferença pra contigo é somente na maneira a qual você mantém sua posição de testemunhar pelo bem contra o mal. Sinto que ninguém esperaria de mim, enquanto um *visitante* conhecido em um casa alheia, ser responsável pela organização daquela casa, ou no caso de aprová-la - eles iriam naturalmente vir à casa na qual eu tenho controle, e na qual as ações podem ser vistas como *minhas*, para vir a formar tal julgamento; e mesmo nesse caso, se fosse eu apenas *um* entre os muitos que a governam, nenhuma mente honesta iria me fazer responsável pelas faltas, contra as quais, em meu lugar e de acordo com meu poder, eu protesto; pois eu me submeti à essa ação em outros, ao invés de passar por uma *melhor* bonança, ou sofrer um mal pior. Se é dito que o homem não

consegue discriminar, nem sentir a *força* do meu testemunho, a menos que eu me separe, não só de coração e vida, mas por fisicamente me afastar, totalmente de todos os tipos de falsos sistemas, minha resposta é que, Ele, que tem a posição de juiz, e a quem somos chamados a ter um coração aprovado, pode; e n*Ele*, nesse assunto, estou descansado quer eu permaneça ou caia.

Alguns não querem que eu tenha comunhão com os Scotts⁴, pois a visão deles quanto à Ceia do Senhor não é satisfatória; outros com vocês, por causa da vossa visão sobre o batismo; outros com a Igreja da Inglaterra (Anglicana), por causa de seus pensamentos sobre o ministério. De acordo com meus princípios, eu recebo todos eles; mas no princípio de testemunhar contra o mal, eu devo rejeitá-los todos. Eu sinto que todos eles, em várias particularidades, tem pecado contra a mente e o coração de Cristo, e deixando entrar, em princípio, as mais tremendas desordens, e não está apto a mim medir a relação entre os pecados de um tipo de desobediência e os de outro. Eu uso minha comunhão no Espírito para desfrutar a vida comum junto com todos, e dar testemunho disso, fazendo disso uma oportunidade de por diante deles essas particularidades nas quais, não obstante toda graça e fidelidade, e sua piedade e honestidade - eles tem caído. Jamais então sentirei que a separação do que é bom por causa do que é mal, seja minha maneira de testemunhar contra o que é mal, até que eu veja de maneira bem mais clara do que eu vejo agora, que essa é a *maneira de Deus*. Eu naturalmente me uno mais constantemente com aqueles os quais eu vejo e sinto mais da vida e poder de Deus. Mas estou tão livre para visitar outras igrejas, aonde ainda vejo muita desordem, quanto para visitar a casa dos meu amigos, mesmo que eles as governem não como eu desejaria; e, como eu já disse, eu sentiria que seria igualmente sem sentido e indelicado, para qualquer irmão, me julgar pelo mesmo, ainda que o deixo em inteira liberdade de julgar a si mesmo. Contudo, você, querido irmão, de modo nenhum deve pensar de nada do que eu disse aqui, que eu não escreveria livre e plenamente à ti, com respeito à coisas sobre a Índia, certo em meu coração, que o seu espírito largo e generoso, ensinado tão ricamente pelo Senhor, irá um dia quebrar novamente esses laços cujas mentes mais estreitas que a tua usaram para te cercar, e virá mais uma vez, antes, ansioso a conduzir adiante TODOS os membros vivos da Cabeça viva à estatura de varão perfeito, do que ser cercado por quaisquer pequenos corpos, ainda que numerosos, que tem a ti como seu fundador. Eu honro, amo e respeito sua posição na Igreja de Deus; mas a profunda convicção que eu tenho de que o seu poder espiritual era incalculavelmente maior quando você andava entre as várias congregações do povo do Senhor, manifestando a vida e o poder do evangelho, do que ela é agora, é tal, que nada mais posso fazer do que escrever o que está acima como uma prova do meu amor e confiança de que sua mente está no alto, considerando de quem foi que tais remarças vieram, e não procurando quais verdades possam ser encontradas nelas.

Seu, com muito afeto, no evangelho,

(Assinado) A. N. Groves.

Notas do tradutor:

1. i.e.: Seguidores de John Walker (1768-1833)
2. i.e.: Seguidores de John Glass (1695-1773)
3. Lit.: “testas franzidas ou sorrisos”
4. i.e.: Presbiterianos